

Uma trajetória de conquistas

COM 100% DA CAPACIDADE COGNITIVA PRESERVADA, AUGUSTO DELFINO CONCLUI GRADUAÇÃO SEM FACILIDADES TÉCNICAS



Inseparáveis: Rute, mãe de Augusto, o acompanhou em todas as aulas da graduação

Quem acha que para cursar Educação Física é preciso ser atleta, mandar muito bem nos esportes e viver em competições, precisa conhecer Augusto Delfino. O jovem de 25 anos, que tem paralisia cerebral, provou para si mesmo e para todos que a teoria nem sempre depende da prática. Isto porque ele carrega, orgulhosamente, o título de primeiro bacharel em Educação Física com paralisia cerebral do Brasil, conquista que exigiu muita força de vontade. “Ele não movimentava membros superiores, inferiores e nem fala. Para se comunicar, utiliza um tablet com um ponteiro. Ele digita, e um software transforma o texto em voz”, explica Maria Letícia Knorr [CREF 009867-G/SC], coordenadora do curso de Educação Física da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), professora e orientadora do jovem em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Mas engana-se quem pensa que Maria Letícia permitiu que Augusto tivesse alguma facilidade por conta de sua deficiência. “Como ele demorava mais para digitar, resolvi as provas inteiramente no computador. O professor já levava a avaliação adaptada para o tablet, em um formato que a gente desenvolveu - um formulário eletrônico da universidade. Fora isso, a única diferença dele para os outros alunos era o tempo de realização dos testes. Augusto tinha o dobro porque demora mais para digitar. Mas nada

que determinasse alguma vantagem sobre os outros, como, por exemplo, direito a consulta”, explica a coordenadora.

Não só de Augusto foi o esforço. “A mãe dele, a incansável Rute Delfino, o acompanhou em todas as aulas, em 100% do curso. Desde as aulas de Surfe, de Tênis, até os estágios na academia, na Natação, na gestão”, explica Maria Letícia. Ela pôde acompanhar de perto o trabalho que a Unisul desenvolveu para atender Augusto – que, segundo Maria Letícia, foi totalmente em conjunto: “Quando nós o aceitamos como aluno, apostamos que ele teria condições de atuar na Educação Física”.

Mesmo assim, o processo foi desafiador. “A universidade adotou práticas pedagógicas e avaliativas que garantissem a aprendizagem do Augusto dentro das limitações dele. Nós estudamos, junto com a área de acessibilidade da universidade, a melhor forma de atuar no caso dele, desde provas até aulas práticas. Ou seja, dentro das limitações, como nós poderíamos garantir que aquela aprendizagem estivesse ocorrendo?”.

E a aprendizagem, de fato, ocorreu. Ele pode atuar na elaboração de projetos esportivos, por exemplo, na prescrição de exercícios. Essa foi uma preocupação que nós fomos, aos poucos, entendendo. Sabemos também que o próprio mercado vai determinar em que áreas ele pode

trabalhar". Mas Augusto não parece disposto a deixar que nada nem ninguém defina seus limites: "Quero ser treinador um dia. Claro que eu tenho a limitação da fala, mas não a encaro como um obstáculo, porque eu já sei como vencê-la, como já fiz com outras barreiras. No mais, por que não me tornar a primeira pessoa com paralisia cerebral cadeirante a ser técnico de Futebol?", questiona Augusto, garantindo: "Conhecimento eu tenho".

O conhecimento é fruto do trabalho árduo que desempenhou durante a graduação. "As aulas práticas, das quais não podia participar efetivamente, Augusto acompanhava e preparava um relatório, em que registrava tudo o que via. Ele só não conseguia vivenciar o jogo propriamente dito". Boa vontade, Maria Letícia garante que ele tinha: "Nós nunca o vimos, nesses seis anos, reclamar de nenhum lugar, mesmo sendo, para ele, muito difícil. Atividade nas dunas? Na lagoa? Lá estava ele para as aulas práticas, e os alunos que não tinham nenhuma limitação reclamando do sol e do vento".



"Quero que as pessoas se sintam encorajadas a seguir em frente, lutar pelos seus sonhos e ideais. Se você quer, vai longe. E não há nenhum obstáculo capaz de bloquear o seu desejo"

Talvez por esse jeito otimista de levar a vida – e a graduação, Augusto sempre foi querido por todos, como conta Maria Letícia: "Os comentários sobre ele pela sala dos professores eram sempre o mesmo: que o Augusto é muito parceiro. Parceiro do curso, dos professores, dos colegas. Onde ia, ocupava o espaço dele, mesmo sem falar. Ele se comunicava muito com os olhos e, por isso, nós passamos a conhecê-lo muito, no sentido de já saber, pelo olhar, que ele queria falar, participar da aula, fazer uma pergunta, ou que precisava de alguma ajuda. Ele passou a ser parte da Unisul, parte do curso de Educação física, muito pelo seu jeito de ser. Hoje, nós já começamos a sentir falta, porque ele já não circula mais nos corredores todos os dias".

Essa boa relação com as pessoas que o rodeiam talvez tenha sido desencadeada graças à experiência que Augusto teve na infância. "A minha Educação Física Escolar foi bastante tranquila desde o Ensino Fundamental. Eu sempre participei, assistindo às aulas, mas uma vez passei por uma situação chata que é bom contar: sempre gostei de Futebol, tanto que praticava em casa, com o meu pai me segurando por trás para que a minha mãe jogasse a bola para mim. Era uma Olimpíada do colégio, fui inscrito no time da turma e joguei por alguns minutos. O problema veio no dia seguinte: os pais dos alunos não gostaram do fato e reclamaram com a direção. Os meus amigos me escalaram, fazer o que?", lembra.

Sem ressentimentos, mas com bons sentimentos, Augusto espera que sua experiência sirva de inspiração para todos: "Quero que as pessoas se sintam encorajadas a seguir em frente, lutar pelos seus sonhos e ideais. Se você quer, vai longe. E não há nenhum obstáculo capaz de bloquear o seu desejo". Mas há pessoas, e até instituições, dispostas a lhe ajudar a chegar lá, como a Unisul, que ofereceu a Augusto mais do que o serviço de educação: "Me deu total apoio". E pelo jeito, foi recíproco. Maria Letícia conta que não foi só Augusto que se beneficiou com o trabalho da universidade: "A história dele inspira não somente pessoas com deficiência, mas também todo um mundo melhor".



Nas fotos: Augusto na infância, durante formatura, ao lado orientadora do TCC e da responsável pelo Programa de Promoção a Acessibilidade da Unisul, e, abaixo, sendo homenageado no Prêmio Instituto Guga Kuerten

Créditos: Fernando Villadino

